

INFÂNCIA, RELIGIÃO E COLONIALIDADE: trajetórias de homens gays

Henrique Caetano Nardi¹
Robson Antônio da Silva Gonçalves²

Resumo: A colonização do ser e do saber passaram pela imposição de um regime de verdade que construiu na América Latina a subalternização e o aniquilamento das cosmologias indígenas e dos negros escravizados. O saber de matriz cristã eurocêntrica foi progressivamente incorporado por meio de um tropo performativo pelo discurso científico a partir do final do século XVIII na Europa disseminando-se nas colônias do novo mundo. Os traços desse esquadramento e hierarquização dos sujeitos pela passagem/acoplamento da religião-ciência construíram a cisheteronormatividade que atravessa os modos de subjetivação. Este ensaio toma narrativas de trajetórias de vida de sujeitos homossexuais identificados com a teologia cristã e relatos de membros da Igreja Cristã Contemporânea publicados na seção de "Testemunhos" da página virtual da instituição. A perspectiva teórica utilizada hibridiza conceitos da teoria descolonial, da genealogia foucaultiana e dos estudos queer.

Palavras-chave: Homossexualidade; Cristianismo; Trajetórias de vida.

CHILDHOOD, RELIGION AND COLONIALITY: trajectories of gay men

Abstract: The colonization of being and knowledge went through the imposition of a regime of truth that built in Latin America the subalternization and annihilation of indigenous cosmologies and enslaved black people. The Eurocentric Christian matrix was progressively incorporated through a performative trope by scientific discourse from the late eighteenth century in Europe spreading to the colonies of the new world. The traces of this categorization and hierarchization of the subjects by the passage/coupling built the cisheteronormativity marks the modes of subjectification. This essay takes narratives of life trajectories of homosexual subjects identified with Christian theology and testimonies of members of the Contemporary Christian Church published in the "Testimonies" section of the institution's virtual page. The theoretical perspective used hybridizes concepts of decolonial theory, Foucauldian genealogy and queer studies.

Keywords: Homosexuality; Christianity; Life trajectories.

Sexualidade e colonialidade do ser e do saber na construção do Estado Moderno

A colonização do ser e do saber (MIGNOLO, 2005; QUIJANO, 2000) se constituíram pela imposição de um regime de verdades (FOUCAULT, 1994) que construiu na América Latina a subalternização e o aniquilamento das cosmologias indígenas e da população negra escravizada. O saber de matriz cristã eurocêntrica foi progressivamente incorporado em um tropo performativo pelo discurso científico a partir do final do século XVIII (FOUCAULT, 1976) na Europa disseminando-se nas colônias do novo mundo. Os traços desse esquadramento e hierarquização dos sujeitos pela passagem/acoplamento da religião-ciência construíram a cisheteronormatividade que atravessa os modos de subjetivação. Basicamente, cisheteronormatividade refere-se a um conjunto de regras que considera normais e

¹ Doutor em Sociologia, Professor Titular do Departamento de Psicologia Social e Institucional e do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisador do CNPQ. Pesquisador Associado do IRIS-EHESS (Paris-França).

² Psicólogo, formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

hierarquicamente superiores aquelas/es que são heterossexuais e que podem aceitar o gênero imposto no nascimento. Aquelas/es que têm uma atração sexual ou sentimentos que não são exclusivamente heterossexuais ou não se conformam ao gênero atribuído ao nascimento têm sido historicamente sujeitos à patologização, prisão ou têm tido negado acesso aos direitos que são concedidos às pessoas heterossexuais e cisgêneras. O conceito indica que a sociedade ocidental moderna foi moldada impondo a heterossexualidade e a cisgeneridade a todos.

A emergência da forma moderna de governo, estruturada em torno da figura do Estado-nação, se deu concomitantemente a uma série de rupturas que sustentam até hoje os modos de subjetivação. Rapidamente, podemos situar genealogicamente a concomitância da emergência do capitalismo, do Estado-nação e das identidades nacionais, como atravessada pela normalização da família burguesa, a qual foi constituída a partir da distinção por meio do dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 1976) em relação à aristocracia moribunda e ao proletariado nascente, pela invenção da infância (ARIÈS, 1978) e pela teoria do dimorfismo corporal (LAQUEUR, 1990). Processos esses intimamente interconectados no interior dos dispositivos da sexualidade, da colonialidade e da racialidade, este último descrito por Sueli Carneiro (2005). Por dispositivo, segundo Foucault, entendemos o conjunto de estratégias, discursos, práticas, programas, instituições, planos arquitetônicos que produzem, em um determinado contexto espaço-temporal, o que e como somos incitados a entender, lidar e conduzir nossas vidas em relação à sexualidade, à raça e à colonialidade. É no interior do dispositivo que se gesta a norma e os enunciados e técnicas que a legitimam socialmente.

A rede enunciativa que passa a ter efeito de verdade no ordenamento social na governamentalidade moderna se distancia das formas de legitimação da religião, uma vez que a marca eurocêntrica do modelo de nação republicana supõe a separação do Estado e da religião a partir da Revolução Francesa. Entretanto, devemos complexificar o acoplamento ruptura/continuidade, pois a religião (ainda é, frequentemente, a base para o código moral que separa dicotomicamente o bem do mal) se aproxima de forma transcendente (BERGSON, 1998) ao orientar as escolhas e ao transpor as técnicas, como a da escuta-confissão (FOUCAULT, 1976) ao campo científico. A aposta que fazemos aqui é, portanto, de que a religião não deixou de existir na condução da ciência e ambas, ao deslegitimar os saberes indígenas e das/dos negras/os escravizadas/os no processo colonizador, reiteraram os regramentos do gênero e da sexualidade que orientam as formas de (auto)constituição dos sujeitos. Nesse sentido, cabe lembrar a

definição de subjetividade em Foucault, ou seja, como o fruto/efeito da experiência que os sujeitos fazem de si na relação com um determinado jogo de verdades. Assim, ao nos (auto)constituirmos como sujeitos, o fazemos sempre a partir do que é considerado legítimo em um determinado contexto espaço-temporal, ou seja, aqueles discursos que têm efeitos de verdade e que orientam nossas possibilidades, nossas escolhas - estas sempre limitadas por um campo de possibilidades atravessado pelos marcadores sociais da diferença, como indica Avtar Brah (2006), assim como nossas trajetórias e os caminhos trilhados.

Seguindo estes princípios ético-conceituais buscaremos pensar os efeitos de verdade dos discursos marcados pela lógica da colonialidade do saber que nos constituíram nessa aliança religião-ciência. Para atingir esse intento, este ensaio toma narrativas de trajetórias de vida de sujeitos homossexuais identificados com a teologia cristã e relatos de membros da Igreja Cristã Contemporânea publicados na seção de “Testemunhos” da página virtual da instituição, sobretudo nos aspectos relativos à infância desses sujeitos e a relação destas com a religião e a sexualidade. A perspectiva teórica utilizada hibridiza conceitos da teoria descolonial, da genealogia foucaultiana e dos estudos queer.

Infâncias marcadas pela religião

M. é um homem cisgênero, branco e está na faixa etária dos 40 anos de idade. O pai de M. faleceu alguns anos após seu nascimento. em razão disso, os filhos do casal, um grupo de quatro irmãos, foram criados, majoritariamente, pela mãe. M. tem formação superior incompleta e, atualmente, trabalha como gerente comercial. M. identifica-se como homossexual desde o final de sua adolescência.

Entrevistador: Bom, inicialmente, então como a gente tá falando sobre trajetórias de vida, peço pra tu contar brevemente como é que foi tua infância, tua adolescência... se teve mais irmãos, né... pais separados, essas coisas assim...

Entrevistado: Então, ahn... Eu tenho mais três irmãos, dois irmãos e uma, uma irmã... ahn... Fui criado basicamente pela minha mãe, meu pai veio a falecer com três anos de idade, né. Então, era eu e mais três irmãos. Quando meu pai faleceu, meu irmão mais velho tinha... por volta de doze anos e eu tinha três anos e... então, foi uma coisa muito complicada, assim, pra nossa família e ali que, foi assim que, talvez, que a minha mãe,

assim, entrou mais pro lado do cristianismo, que aquilo que deu uma força pra ela, pra batalhar, sustentar os filhos. E... basicamente foi assim, minha mãe foi uma pessoa, assim, muito religiosa depois que meu pai veio a falecer, aquilo deu forças pra ela. Ela batalhou, ela foi lá trabalhou, pagou escola particular pra nós todos, nos deu alimentação e foi assim até hoje.

Entrevistador: Hum..., inclusive, né, a próxima questão ela é justamente sobre isso, né, se a religião foi presente na tua infância e na tua adolescência, a questão da religião...

Entrevistado: Principalmente depois dos 3 anos de idade, que aí a minha mãe, assim, ela ficou... No início, ela era um pouco fanática, né...

Entrevistador: Ã-hã.

Entrevistado: Então, assim, ficou uma coisa muito forte, assim pra ela, aquela transformação toda assim. Eu não me recordo exatamente assim como é que era, mas eu sei que ela ia muito na igreja...

Entrevistador: E... a sexualidade, como que ela era tratada, assim, na tua infância e na tua adolescência, principalmente, que é quando começa a se abordar mais?

Entrevistado: É... assim oh, geralmente os religiosos, os mais fanáticos, eles tendem, assim, a ver algo como, assim, uma culpa àquela pessoa que pratica sexo fora do casamento, né... até a própria masturbação é vista como algo pecaminoso, como algo sujo, né.

Entrevistador: Sim...

Entrevistado: Então, ela tinha um pouco disso naquela época assim, né. Minha mãe não ficava controlando, assim... ela sempre focava muito na, na questão assim de fazer sempre o bem ao próximo, né. Tinha um pouco dessa questão... que naquela época ainda a homossexualidade era vista como algo, uma doença, né. Hoje já não é visto mais. Então, ela assim, de certa forma, às vezes, passava pra mim, que eu que era o... eu sou o único homossexual da família, de que não era algo legal, assim.

Entrevistador: Sim...

Entrevistado: Então... não sei se era quanto a isso... E eu, assim, eu fui criado, assim realmente na minha infância adolescência, assim, vendo como algo que era contra Deus, digamos assim, né...

Esse trecho da entrevista coloca em questão os elementos centrais de uma lógica colonial do ser e do saber na sua aliança com a religião. A infância de M. é marcada pelas noções de culpa, pecado, anormalidade, doença. Ou seja, ele se constitui como

sujeito na relação com as verdades que lhe foram oferecidas como algo intrinsecamente mal, tanto a partir do discurso religioso como do discurso da ciência. Mesmo que a homossexualidade tenha deixado de ser classificada como doença *per se* nos manuais de classificação de doenças (DSM – Manual de Doenças e Estatística em Saúde Mental em 1973 e CID – Classificação Internacional de Doenças em 1990), os enunciados patologizantes que fizeram parte do dispositivo da sexualidade, sobretudo a partir do século XIX, permanecem como traços com efeito de verdade nas narrativas e assumem hoje a forma do preconceito. O preconceito, no modo como o compreendemos, é uma forma afetiva de perceber o outro negativamente, inferiorizando-o, ele é fruto de relações de poder que, com o intuito de subjugar a diferença, a transformam em desigualdade, reduzindo o outro a um aspecto de sua existência, eliminando sua complexidade como sujeito. A intensidade do preconceito depende da desigualdade que marca os contextos sociais: quanto mais desigual uma sociedade/cultura, maior a possibilidade do preconceito se transformar em ódio e estimular a aniquilação.

Os discursos de inferiorização do outro se constituíram na marca da colonização da América Latina, indígenas e as/os negras/os escravizadas/os foram classificadas/os como menos humanas/os ou não humanas/os pelo europeu invasor/colonizador. Todas as formas de concepção da sexualidade e das relações de gênero que não obedeciam ao regramento binário e à cisheteronormatividade foram classificadas inicialmente como selvagens, animais, demoníacas e, posteriormente, como patológicas. Devemos lembrar que a Europa, na perspectiva descolonial, se constituiu na imposição de sua diferença face a América (MIGNOLO, 2005; QUIJANO, 2000) legitimando, assim, via religião inicialmente (as/os negros não têm alma), e posteriormente pela ciência (classificação biológica das raças), a invasão, a dominação e a exploração de territórios e povos da América Latina. Mesmo após o encerramento “oficial” da colonização na América Latina com a independência das nações no século XIX, a colonialidade do poder e do ser se manteve pela dominação econômica, pela incorporação da forma colonial de Estado, pela manutenção da escravidão e posteriormente, por meio da justificativa da hierarquia social nas teorias eugenistas (COSTA, 1976).

Os discursos que legitimaram a inferiorização e aniquilação se mantêm hoje na forma do preconceito, do ódio e da repulsa à diferença. A composição do governo eleito em 2018 no Brasil e o movimento político que o produziu são marcas da reiteração da dominação colonial incorporada pelos “capitães do mato” de hoje. Os enunciados e formas de legitimação deste projeto político se sustentam em grande parte na religião

(“meninos vestem azul e meninas vestem rosa”, “Deus acima de todos”, “prefiro um filho ladrão que um filho gay”, etc.), na lógica colonial de subserviência à potência imperial (Estados Unidos da América) e ao modelo colonial de exploração econômica representado pelo neoliberalismo, na sua vertente mais predatória.

Assim quando M. afirma que entendia a homossexualidade na infância como doença e como pecado e, ainda, quando diz que a religião de sua mãe se expressava na ideia de que se deveria fazer o “bem”, ele se vê preso em um jogo de verdades no qual ele só se relaciona com saberes intensamente carregados de afeto que o empurram para o avesso da norma. Ou seja, o que ele sente representa o mal. É a partir de uma forma melancólica de constituição da subjetividade (BUTLER, 2003) que produz uma denegação da homossexualidade na infância pela força da religião e da ciência que ele terá de enfrentar e buscar reconciliação consigo mesmo, posteriormente, como nos foi relatado, no seu acolhimento pelas igrejas inclusivas. Optando assim por uma forma de conciliação que adota o modelo monogâmico de viver sua sexualidade.

L. também homem cisgênero e branco, é oriundo de uma família nuclear composta por seus pais e outros dois irmãos mais velhos. L. tem formação superior e trabalha como autônomo. Em relação a sua sexualidade, ele diz se reconhecer como homossexual há cerca de quinze anos. A trajetória de L. (descrita abaixo) aponta para a forma como a engrenagem da cisheteronormatividade estabelece de uma forma naturalizada, “pétrea” nas palavras do entrevistado, desde a infância, o destino a ser trilhado. Por ser designado como homem ao nascer, deve casar com uma mulher e ter filhos. Regras de uma lógica cisheteronormativa que estabelecem uma coerência que nega a diversidade de orientações sexuais e de identidades/expressões de gênero. Estas regras aqui anunciadas são reiteradas tanto pela igreja como pela lei, no contexto histórico da infância de L. E, como ele bem diz, para além de ser praticante da religião, o código moral cristão compõe a cultura e, portanto, se faz presente na sua construção como sujeito. Segue um trecho da entrevista:

Entrevistador: Então, inicialmente, queria, se tu puder contar um pouco como é que foi a tua infância, tua adolescência, assim, em linhas gerais, bem, bem breve assim.

Entrevistado: Certo! A minha infância e adolescência foi... posso dizer boa, né. A minha educação foi aquela educação bem é... comum na, da população brasileira que foi com a educação cristã católica, né. Meus pais, eles eram católicos, né. Eu tenho dois irmãos mais velhos, né. Recebi toda, meu pai, minha mãe sempre foram pessoas, assim,

muito presentes. Eles eram pessoas religiosas e o cristianismo foi introduzido na nossa família pela igreja católica, é... minha mãe sempre foi uma pessoa presente, meu pai também, apesar dos dois trabalharem fora, né?

Entrevistador: Sim.

Entrevistado: Tanto que é a questão da... bom, só falando da infância, né. Então, foi uma infância que teve as suas, as suas, os seus momentos difíceis, mas eu posso dizer que foi uma infância bem feliz.

Entrevistador: A-hã! Então, desde a tua infância, a religião já estava presente no teu contexto familiar, no teu contexto de convívio?

Entrevistado: Sim, de forma cultural, tá? Como é que eu vou dizer? Assim, é/é por causa do meio, presente sim.

Entrevistador: Ok! E... e a sexualidade na tua infância e adolescência, como é que era trabalhado isso, ou tratado dentro da tua casa, dentro do teu convívio?

Entrevistado: A sexualidade também padrão. O que é ninguém... A gente sempre é... conduzido e entende como normal, a gente ter aquela estrutura básica da família é... homem e mulher. Isso desde cedo foi trabalhado na minha vida. Isso era visto como sendo algo que era a/o... Como é que eu vou dizer?! Não é nem a questão do normal, é algo que não necessita nem ser contestado. Era algo que era pétreo, enrijecido, parado. Aquilo ali era o que eu tinha. A vida da gente, ela tomou vários rumos, né? Mas a gente sempre tem aquela coisa é... o caminho de trabalhar, de formar uma família e é claro ter uma pessoa. Então, assim como trabalhar, assim como ter uma família, é ter uma esposa por ser homem.

Ainda como forma de descrever os efeitos da religião nas experiências de si, os testemunhos abaixo retirados do site da Igreja Contemporânea, mostram lógicas semelhantes de constituição de si no avesso da norma, tal como nos relatos das trajetórias de nossos entrevistados:

Me lembro da minha infância com muito carinho, mas a minha adolescência foi marcada por frustrações e conflitos, pois não entendia o que estava acontecendo comigo e quando pude entender que eu era diferente não queria aceitar a mim mesmo.

Desde os 12 anos comecei a buscar libertações em orações, jejuns que nada adiantavam, era uma pessoa triste e muito introvertida, não falava com ninguém, sentia vergonha de mim mesmo, sentia uma pressão tão forte em minha consciência que minha postura ao andar e sentar era encurvada, cheguei a fazer exames o qual os médicos disseram a meus pais que não tinha problema algum na coluna e que meu problema era psicológico.

Meu pai não entendia o que estava acontecendo comigo. Quando me relacionei com meu primeiro namorado (ele também era evangélico) sentíamos culpa, foi um relacionamento escondido e marcado por frustrações.

Um dia meu pai acabou descobrindo esse meu namorado. Lembro-me que era semana de Santa Ceia e não pude mais participar do corpo e do sangue do Senhor, não pude tocar mais meu instrumento. O que eu mais temia estava acontecendo.

Os anos seguiam e com eles eu crescia. Foi aos onze anos que eu tive o meu primeiro contato com a homossexualidade, como citado acima, nasci em berço cristão logo em nossa casa não tínhamos acesso à qualquer material pornográfico ou que instigasse a nossa sexualidade. Esse meu primeiro contato homossexual se deu com um amigo da mesma idade e membro da igreja do meu pai, como sempre cantávamos juntos acabamos estreitando amizades e nessas de brincarmos diariamente, acabamos por nos relacionarmos sexualmente.

Eu não sabia o que eram aquelas ações, nem comentava com ninguém, e todo esse contato nosso durou mais ou menos um ano. Aos 13 anos eu conheci um garoto na escola e me apaixonei por ele, ele correspondeu e logo começamos a ter um envolvimento; como nessa situação era algo a mais que um desejo sexual, fui pesquisar sobre o sentimento entre dois homens e quanto mais eu estudava mais eu me desesperava, tudo indicava que eu era gay e segundo os ensinamentos do meu pai e todos na igreja, isso era pecado, abominável e se eu não mudasse tal comportamento estaria condenado ao inferno.

Eu me sentia sujo imundo e comecei a me afastar das pessoas e do meu ministério. Já não cantava mais, tinha vergonha de orar e a cada dia me tornava mais introvertido. Eu não aceitava aquilo, não podia me acomodar com aquela possessão demoníaca em minha vida.

Decidi mudar, me libertar. Terminei o meu namoro adolescente, me batizei e travei uma luta contra a minha natureza. Eu orava, jejuava, subia montes, ia a vigílias nos mais variados ministérios. Na escola eu, juntamente com um grupo de amigos de outras igrejas, evangelizava na hora do intervalo. Eu fazia tudo, mas apesar de não praticar ações homossexuais, dentro o desejo pelos meninos crescia de uma forma indomável. [...]

Mesmo assim, durante toda minha vida me sentia culpado e diminuído por olhar para meninos de uma forma diferente. Por vezes me penalizei, fui levado a psicólogos por minha vó (que me criou desde os 2 anos), fui controlado por ela em relação a meu comportamento, hostilizado na escola etc.

Com 18 anos, já cursando o Ensino Superior, decidi que era hora de me desligar da igreja e viver de maneira independente. Afinal de contas, não queria ter uma vida dupla. Em 2008 então, abri mão de tudo o que o Senhor me confiava e me desviei. No mesmo período me assumi pra minha família e enfrentei sozinho, já que não mais buscava a Deus – a repressão e o desespero deles. Minha avó me perguntava: você não tem medo? Você já leu na Bíblia sobre o destino de pessoas como você? Ouvia que iam me internar, que iam me interditar por não ter condições psicológicas, etc.

Minha repulsa pela maneira como ela e toda minha família me julgavam era tanta que eu não conseguia mais sentir prazer em ir à igreja ou me preocupar sobre como Deus me julgaria ou me condenaria. Na verdade,

eu estava totalmente insensível a isso. Não me importava mais. Passei um bom tempo dizendo que a igreja, Deus e a Bíblia eram construções da cultura. Nada daquilo mais era real pra mim. Hoje vejo que, na verdade, é a falta de preparo da sociedade como um todo, e principalmente da igreja, que condena diariamente filhos como eu ao suicídio, à descrença e ao inferno.

Ainda na infância percebi que era “diferente” em minha sexualidade, em relação às minhas amigas. Até nas brincadeiras já evidenciava a minha homossexualidade, e por incrível que pareça, com toda a rigidez de minha criação como filha de pastor, a minha sexualidade nunca me incomodava. Quando criança soltava pipa com meu irmão, jogava futebol... até que cheguei à adolescência e as coisas começaram a mudar. Comecei a ouvir mensagens negativas em relação à homossexualidade e foram muitas a mensagens que me condenavam.

Aos dez anos aproximadamente, conheci uma menina por que me apaixonei, e mantive um relacionamento que durou 2 anos. Aos 12 anos, passei pelas águas (batismo) e fiz um propósito de não ter mais nenhum relacionamento amoroso com meninas, por acreditar que era pecado e resolvi manter relacionamentos com meninos. Tive vários namorados na tentativa de me apaixonar por algum deles, mas não obtive êxito.

Mesmo mantendo relacionamentos com meninos, o meu coração ansiava e desejava o afeto de outra menina, tanto que quando meu pai foi transferido de uma congregação para outra, algo inusitado aconteceu no grupo de adolescentes. Uma menina me chamou a atenção e tivemos alguns momentos de intimidade, mas não chegamos as vias de fato. Neste momento, percebi que não poderia ser feliz mantendo relacionamentos com meninos. Essa fase foi muito difícil porque eu participava da Santa Ceia e algo em mim me condenava, não era Deus, mas os dogmas, preceitos e doutrinas da Igreja que me faziam acreditar que a homossexualidade era maldição.

Estava muito alegre com a nova igreja que era ‘entupida’ de jovens. Mas, havia um grande problema que ‘martelava’ meus pensamentos: eu era gay. E o sabia desde menino. Cria que na nova igreja, totalmente pentecostal, eu seria curado ou liberto.

Os anos se passaram e eu buscava mais e mais. Me envolvi ao máximo nos ministérios da igreja por pensar que, assim, Deus teria misericórdia de mim, olharia para mim e daria um basta. E os anos foram passando e a homossexualidade crescia em mim. A sexualidade gritava suas necessidades de formas quase que incontroláveis.

Não obstante a isso, minha fé em uma cura ou libertação foi enfraquecendo por tanto tempo sendo constante nas vigílias, jejuns, madrugadas... nada acontecia. Comecei a crer que Deus havia feito uma piada de mau gosto comigo.

Eu nasci gay e condenado ao inferno. Pois, era isto que eu aprendera tantos anos seguindo o evangelho. Como poderia servir a Deus, já sabendo que era condenado à perdição eterna? Minha cabeça era uma tormenta sem fim. Deixei a igreja. Me dei ao caminho para qual era predestinado.

Pensei em me matar 2 vezes. Relacionamentos frustrados. Tudo era ruim porque eu me sentia assim...

Esses testemunhos apontam para a constituição de uma subjetividade subalternizada, marcada pela tortura simbólica imposta na forma de sofrimento psíquico e afastamento daqueles que deveriam ser a fonte de suporte afetivo e material. Dizemos isso, pois esse é o mandato da forma colonial de família e infância que se fez presente na hierarquização dos arranjos familiares no Brasil, com a exclusão, condenação moral ou patologização de outras formas de constituição do cuidado das crianças e outras cosmologias que conhecem as expressões da sexualidade e do gênero de forma distinta daquela imposta pelos saberes eurocêntricos. Não é de se espantar que as formas de apresentação do sofrimento psíquico, ou seja: depressão, suicídio, uso problemático de substâncias psicoativas, comportamento de risco (HEREK, 2004; HERSHBERGER; D'AUGELLI, 1995; SAVIN-WILLIAMS, 1994; VERDIER; FIRDION, 2003), assim como a violência, ainda marquem profundamente as trajetórias de vida de pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e travestis/transsexuais), cujas condições de possibilidade para sua emergência como sujeitos foram dadas no avesso da norma.

É pertinente ponderar que, de acordo com dados censitários (IBGE, 2010), aproximadamente 87% da população brasileira se considera cristã. Deste modo, fatidicamente, as infâncias e adolescências se dão, em grande parte, imersas em uma cultura moral intrinsecamente ligada a uma teologia cristã conservadora. Seja no contexto familiar e/ou no âmbito escolar, espaços de referências para crianças e adolescentes, encontra-se presente o que, em última análise, pode ser encarado como uma baliza moral da sexualidade. Esta baliza normativa acaba por dar vez ao silenciamento de questões tão sérias quanto urgentes como abuso sexual na infância e o preconceito a sexualidades não-heterossexuais. Natarelli et al. (2015), por exemplo, apontam que adolescentes que vivenciam violência física, verbal ou psicológica em razão de não corresponderem à expectativa imposta pela cisheteronorma acabam demonstrando percepções negativas de si próprios, fator que contribui para que estes sujeitos passem a negligenciar práticas de autocuidado.

A cisheteronormatividade faz mal: uma breve conclusão

A cisheteronormatividade faz mal, faz muito mal, mas ela pode ser subvertida, disputada, como tem sido nos últimos 50 anos, pelo menos desde Stonewall em 1969 (NARDI, 2004). E, ainda, muito antes, em histórias pouco conhecidas no Brasil, como aquelas vividas nos anos 1920 na Alemanha, em um período libertário curto posterior à

revolução russa em 1917 e, além disso, nas formas coletivistas de organização comunitária-familiar em alguns Kibutz em Israel, para citar alguns exemplos. As resistências atuais em relação às transformações recentes relativas à igualdade de direitos e reconhecimento da diversidade no interior da “normalidade” no discurso científico mostram que o poder colonial se sustenta hoje no discurso religioso que alimenta o fascismo, sobretudo na sua vertente neopentecostal que, no caso brasileiro, chegou ao governo em 2018, buscando recompor uma hierarquia sustentada em uma moral que alimenta a inferiorização e aniquilação da diferença.

A aliança com o neoliberalismo, na chamada “teologia da prosperidade” faz a força deste modelo, uma vez que a exaltação do indivíduo, na forma do empreendedorismo de si (FOUCAULT, 2004) e a perseguição a projetos e ideais políticos coletivistas e que buscam a justiça social, isolam o sujeito e esvaziam o debate em torno de projetos políticos de sociedade. Na lógica neoliberal do “cada um por si”, a religião reaparece com força como alternativa de um guia para a vida, mesmo que seja na lógica do “toma lá, dá cá”, ou seja, você paga o quanto mais puder para a igreja que deus irá te recompensar na mesma medida. Há também no modo de subjetivação neoliberal uma evacuação da responsabilidade de cada em relação ao laço social, à miséria, à pobreza, às consequências sociais da desigualdade histórica. É nesse contexto que ganham força os discursos racistas inferiorizando e desqualificando a população negra e indígena por aqueles que estão nos postos centrais do governo brasileiro, assim como a condenação moral de quem se situa no avesso da norma em relação ao gênero e a sexualidade. O discurso reacionário renova hoje sua potência retomando enunciados eugenistas e higienistas (COSTA, 1976) que sustentavam as teorias da degenerescência e o amálgama ali estabelecido entre raça, etnia e sexualidade.

Embora a relação desse retorno com força desta rede enunciativa que reforça o preconceito e o ódio à diferença não tenha uma relação direta com as trajetórias e os relatos aqui apresentados, ele aponta para as balizas da produção de subjetividade que tornaram possíveis as vivências aqui relatadas. Esperamos que as novas gerações que puderam viver as transformações na cultura e nas políticas públicas, assim como a jurisprudência que garantiu uma maior igualdade de direitos, tenham suas trajetórias e seus processos de subjetivação pautados por formas mais livres e menos indutoras de sofrimento como àquelas relativas às infâncias aqui relatadas. Resta saber se no interior da lógica neoliberal, é possível transformar as formas coloniais do ser e do saber.

Referências

- ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- BERGSON, Henri. **La Pensée et le Mouvant**. Paris: PUF, 1998.
- BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cad. Pagu, Campinas, n. 26, p. 329-376, junho 2006.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARNEIRO, Aparecida. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: FEUSP, 2005.
- COSTA, Jurandir Freire. **História da Psiquiatria no Brasil: Um Corte Ideológico**. Rio de Janeiro: Garamond, 1976.
- FOUCAULT, Michel. **Histoire de la Sexualité. v. I. La volonté de savoir**. Paris: Gallimard, 1976.
- FOUCAULT, Michel. Entretien avec Michel Foucault. *In. Dits et Ecrits, v. IV*. Paris: Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **Naissance de la biopolitique: cours au Collège de France (1978-1979)**. Paris: Gallimard-Ed. EHESS, 2004.
- HEREK, Gregory M. Beyond "homophobia": Thinking about sexual stigma and prejudice in the twenty-first century. **Sexuality Research and Social Policy**. v.1, n. 2, p. 6-24, April 2004.
- HERSHBERGER, Scott; D'AUGELLI, Anthony. R. The impact of victimization on the mental health and suicidality of lesbian, gay and bisexual youth. **Developmental Psychology**. v.37, n.1, p. 65-74, January 1995.
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: fevereiro de 2019.
- LAQUEUR, Thomas. **Making Sex: Body and Gender From the Greeks to Freud**. Harvard University Press, 1990.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**. v. 23, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014.
- MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. *In: LANDER, Edgardo. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 33-49.

NARDI, Henrique Caetano. Nas bordas do humano: lutas pelo reconhecimento e capturas identitárias. *In*: RODRIGUES, Alexsandro; DALLAPICULA, Catarina C; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da S. (Eds). **Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação**. Vitória, Edufes, 2014, p. 213-225.

NATARELLI, Taison Regis Penariol *et al.* O impacto da homofobia na saúde do adolescente. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 664-670, 2015.

SAVIN-WILLIAMS, Ritch C. Verbal and physical abuse as stressors in the lives of lesbian, gay male and bisexual youth. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 62, n. 2, p. 261-269, 1994.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *In*: LANDER, Edgardo. (Ed.), **La Colonialidad del saber: Eurocentrismo y Ciencias Sociales. Perspectivas Latinoamericanas**. Caracas: Clacso, 2000, p. 201-245.

VERDIER, Éric; FIRDION, Jean-Marie. **Homosexualités & suicide. Les jeunes face à l'homophobie. Études, témoignages et analyse**. Paris: H & O Ed, 2003.